

# RADAR ÁSIA-PACÍFICO

Setembro 2023

RADAR ÁSIA-PACÍFICO  
Setembro 2023  
v.2 n.9



LIGA DE ESTUDOS  
ÁSIA-PACÍFICO  
PUC-RIO

# SOBRE A LIGA DE ESTUDOS ÁSIA-PACÍFICO

A Liga de Estudos Ásia-Pacífico (LEAP) é um projeto extracurricular idealizado e desenvolvido por alunos do curso de graduação de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Por meio de atividades extracurriculares de ensino, pesquisa e extensão, a LEAP tem por objetivo principal aprofundar a contribuição dos discentes da universidade nos debates acadêmicos acerca das questões de cooperação, conflito, política e cultura dos países da Ásia-Pacífico.

O Radar Ásia-Pacífico é a análise de conjuntura mensal escrita pelos ligantes da LEAP, com a finalidade de discutir os temas latentes que dizem respeito à cooperação e conflito na região no último mês.

As opiniões aqui expressas são de inteira responsabilidade do(a)s autor(a)(es) não refletindo, necessariamente, a posição das instituições envolvidas.

## **EQUIPE LEAP**

### **Professor coordenador da LEAP**

Diego Santos Vieira de Jesus

### **Presidentes da LEAP**

Maria Gabriela Veloso Camelo

Renan Guimarães Canellas de Oliveira

### **Diretores da LEAP**

Mariana Azevedo Soares Quintanilha

Sofia Mendes Magalhães

Beatriz Nardy de Queiroz

## **RADAR ÁSIA-PACÍFICO**

Setembro/2023. Rio de Janeiro.

PUC - Liga de Estudos Ásia-Pacífico

22p; 29,7 cm

1. Ásia-Pacífico;
2. Cooperação;
3. Conflito;



LIGA DE ESTUDOS  
ÁSIA-PACÍFICO  
PUC-RIO

# SUMÁRIO

1

## **A ESTRATÉGIA JAPONESA NA EXPLORAÇÃO ESPACIAL COMERCIAL**

Laura Simões Jordão  
Sofia Mendes Magalhães

2

## **OS DEZ ANOS DA INICIATIVA DO CINTURÃO E ROTA**

Matheus Albernaz  
Beatriz Waehneltd da Silva

3

## **O ALARGAMENTO DO BRICS E A NÃO ADEÇÃO DA INDONÉSIA**

Franciane da Silva Farias  
Marina Conde Galvão Zenha

4

## **A POSSÍVEL ALIANÇA ENTRE RÚSSIA, CHINA E COREIA DO NORTE E SEUS DESDOBRAMENTOS**

Luiza Simões Bethlem Monteiro  
Samia Abinader Franco

# 1

## A ESTRATÉGIA JAPONESA NA EXPLORAÇÃO ESPACIAL COMERCIAL

Laura Simões Jordão

Sofia Mendes Magalhães

Desde o lançamento do primeiro satélite artificial que orbitou o Planeta Terra, o Sputnik, realizado pela antiga União Soviética (URSS), em 1957, o espaço continua a ser explorado por empresas submetidas ao domínio estatal (GOSWAMI, 2023). A maior agência de exploração espacial, a Administração Nacional da Aeronáutica e Espaço (NASA, sigla em inglês) por exemplo, é uma agência governamental dos Estados Unidos da América (EUA), criada em 1958, com o propósito de monitorar a exploração espacial e aeronáutica, além de iniciar a corrida espacial com a URSS (NASA, 2008). Nas últimas décadas, o Japão, assim como outros Estados da região da Ásia-Pacífico, como China e Índia, manifestaram seus interesses pela exploração espacial.

Desde 2008, o Japão reconhece a importância de considerar o espaço como uma oportunidade vantajosa, em especial os setores da Economia e Segurança Nacional. O Estado implementou leis fundamentais para o desenvolvimento da indústria espacial (GOSWAMI, 2023). Neste mesmo ano, o Japão instituiu por meio de sua legislação o Estado como responsável por motivar o progresso de desenvolvimento e utilização do espaço (GOSWAMI, 2023).

Nessa corrida, o Japão está próximo de alcançar o feito dos Estados Unidos, Rússia, China e Índia – pousar com sucesso na Lua –, ao lançar duas missões pioneiras em um único foguete no início deste mês. As missões, *Smart Lander for Investigating Moon (SLIM)* e *X-Ray Imaging and Spectroscopy Mission (XRISM)*, finalmente decolaram de Tanegashima, após três cancelamentos devido às condições climáticas. O XRISM – uma colaboração entre a Agência de Exploração Espacial do Japão (JAXA), a NASA e as Agências Espaciais Europeia e Canadense – utiliza de tecnologia de raio-X para estudar plasma em estrelas e galáxias, explorando a evolução das maiores estruturas do universo e o papel dos buracos negros nas galáxias (THOMAS, 2023).

Paralelamente, esse lançamento é inovador também pela criação do *Smart Lander for Investigating Moon (SLIM)*, que conta com uma tecnologia de pouso de alta precisão. Nesse sentido, diferentemente de outras missões, o

alvo do Slim é um local próximo de uma pequena cratera de impacto lunar chamado Shioli, nas proximidades do Mar do Néctar, para investigar a composição das rochas e ajudar a descobrir as origens da Lua (STRICKLAND, 2023). De acordo com o presidente da Agência de Exploração Aeroespacial do Japão, Hiroshi Yamakawa, a criação do módulo de pouso Slim está produzindo uma mudança qualitativa para a capacidade de pousar onde se quer e não apenas onde for mais fácil (KOMIYA, 2023).

O investimento do Japão na exploração e desenvolvimento espacial, assim como de outros países e agências, garantiu o avanço tecnológico na área, conduzindo ao crescimento de uma indústria espacial. A perspectiva japonesa não se limitava à exploração e ciência espacial e ao lançamento de satélites e foguetes, mas também visava ao desenvolvimento e à utilização do espaço propagando o fundamento de uma exploração de recursos. A empresa ispace.inc é precursora desse progresso perante a adesão dessa concepção de explorar os recursos da Lua com fins lucrativos e está sendo apoiada pelo Japão que acredita nesse novo modelo de comércio internacional (GOSWAMI, 2023). Em novembro de 2022, em sua declaração, o ministro da política espacial do Japão, Takaichi Sanae, deu permissão para a ispace realizar comércio diretamente com a NASA; "se o ispace transferir a propriedade dos recursos lunares para a NASA, de acordo com o seu plano, será o primeiro caso no mundo de transações comerciais de recursos espaciais na Lua por um operador privado" (ISPACE, 2022, tradução própria).

O Japão tem demonstrado um compromisso com a exploração espacial, investindo em avanços tecnológicos e legislação que impulsionam sua indústria espacial e permitem parcerias internacionais. A capacidade de pousar com precisão na Lua, como visto na missão Slim, abre novas perspectivas para futuras explorações e aproveitamento de recursos no espaço, enquanto a possibilidade de transações comerciais de recursos lunares indica uma mudança no paradigma da exploração espacial. Assim, o Japão está emergindo como um ator com grande potencial na corrida espacial, não apenas como um participante, mas também como um catalisador de inovação e cooperação global, apontando para um futuro promissor na expansão das fronteiras do conhecimento humano e na exploração de oportunidades no espaço.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOSWAMI, Namrata. *Japan Is Changing the Game for Space Powers: The coming ispace lunar landing would mark a paradigm shift in space operations – something Japan has seen coming for over a decade.* **The Diplomat, 2023.** Disponível em <https://thediplomat.com/2023/01/japan-is-changing-the-game-for-space-powers/>. Acesso em 21 set de 2023.

National Aeronautics and Space Administration (NASA). What Is NASA?. **NASA, 2008.** Disponível em <https://solarsystem.nasa.gov/news/255/what-is-nasa/#:~:text=NASA%20stands%20for%20National%20Aeronautics,of%20the%20Soviet%20satellite%20Sputnik.> Acesso em 21 set de 2023.

ISPACE. *Ispace Receives License to Conduct Business Activity on the Moon from Japanese Government: First License Granted Under Japan's Space Resources Act.* **ISPACE, 2022.** Disponível em <https://ispace-inc.com/news-en/?p=3829>. Acesso em 21 set de 2023.

THOMAS, Russel. Japan's budding space program grounded by persistent setbacks: Desire to compete in the satellite-launching business and shore up security could be hindered by historical failures. **JAPANTIMES, 2023.** Disponível em <https://www.japantimes.co.jp/news/2023/03/20/national/science-health/japan-space-exploration/>. Acesso em 21 set de 2023.

STRICKLAND, Ashley. *Japan launches X-ray satellite, 'Moon Sniper' lunar lander.* **CNN, 2023.** Disponível em <https://www.cnn.com/2023/09/06/world/japan-xrism-slim-lunar-launch-scen/index.html>. Acesso em 21 set de 2023.

KOMIYA, Kantaro. *Japan launches 'moon sniper' lunar lander SLIM into space.* **REUTERS, 2023.** Disponível em <https://www.reuters.com/technology/space/japan-launches-rocket-carrying-moon-lander-slim-after-three-delays-2023-09-06/>. Acesso em 21 set de 2023.

# 2

## OS DEZ ANOS DA INICIATIVA DO CINTURÃO E ROTA

Matheus Albernaz

Beatriz Waehneltd da Silva

Nos últimos anos, a China vem cada vez mais desempenhando um papel de protagonismo nos assuntos internacionais, e de certa forma, rivalizando com os Estados Unidos nesse aspecto, estando também, atualmente em uma guerra comercial com Washington, ambos disputando o papel “mercado número 1” no sistema internacional. O país, liderado por Xi Jinping, busca recuperar a relevância chinesa no cenário internacional, presente em diversos momentos da história da China, um deles sendo através da antiga Rota da Seda durante sua era imperial, séculos atrás, que consistia em uma rota terrestre de exportação de produtos, política e cultura através do continente asiático, além de partes da África, Oriente Médio, Europa e Oceania.

Com essa postura focada em uma maior participação no comércio internacional, a partir do final do século XX a China foi adquirindo, aos poucos, espaços em instituições internacionais, como ONU, OMC, FMI, e regionais. Além disso, passaram a desenvolver acordos comerciais bilaterais com diversos países, conseguindo assim, no atual século, atingir o patamar de maior parceiro comercial mundial (Banco Mundial, 2023). Visando manter e expandir essa participação no cenário internacional, o governo chinês, em 2013, desenvolveu o projeto da Iniciativa Cinturão e Rota (BRI, sigla em inglês), também informalmente chamado de Nova Rota da Seda.

“A BRI configura-se como um programa transcontinental de política e investimento de longo prazo, que visa o desenvolvimento de infraestrutura e a aceleração da integração econômica dos países ao longo da histórica Rota da Seda” (MOFA, 2015).

O projeto da Iniciativa Cinturão e Rota envolve diversas políticas econômicas na forma de acordos bilaterais entre a China e diversos países, tendo como principais alvos a Ásia, Europa, África e com planos de expansão para a América Latina. Ao longo dos últimos dez anos, a Nova Rota da Seda passou por notáveis transformações em suas políticas econômicas, com uma mudança significativa no foco de investimento.

Inicialmente, a BRI era, predominantemente, orientada para infraestrutura pesada, como estradas, portos e ferrovias, visando a criar redes de transporte que ligassem a China aos países parceiros. No entanto, ao longo do tempo, esse crescimento baseado na exportação permitiu à China acumular capital e redirecionar parte de seus investimentos para áreas como educação, infraestrutura, tecnologia e inovação. Os investimentos em educação possibilitaram o surgimento de projetos voltados para pesquisa e desenvolvimento, com investimentos, principalmente no âmbito da tecnologia, que chegam a US\$200 bilhões (Segalla, 2018). Hoje, a China é uma potência na área tecnológica e comercial, incluindo a inteligência artificial, exemplificada pelo sucesso do TikTok, Shopee, Huawei.

Como base para o seu desenvolvimento de mão de obra qualificada, a China investiu também na sua educação superior, fundando novas universidades e melhorando as que já existiam anteriormente. Além disso, ela tem buscado atrair estudantes e pesquisadores de todas as partes do mundo. Cada vez mais, o país tem oferecido bolsas de estudo e atraído estrangeiros para ajudarem em seu crescimento, tornando-se uma potência em educação superior. Um dos exemplos de seus esforços para aumentar seu *soft power* na educação e cultura é o Instituto Confúcius, que, no Rio de Janeiro, tem a sua sede no campus da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

Por sua rápida ascensão, a China gerou diversas preocupações e desafios para o sistema internacional. Sendo acusados por diversas violações dos direitos humanos,<sup>1</sup> – adoção de práticas comerciais desleais (práticas de *dumping* comercial e desvalorização artificial de sua moeda por exemplo) e grande poluição, principalmente do ar,<sup>2</sup> tornando o país alvo de diversas contestações e repúdios às ações tomadas por Pequim no cenário internacional. Outro fator que contribui para essa situação são as tensões no ponto de vista de segurança, criadas com outros países da região (disputas territoriais no mar do Pacífico), como o Japão, que tem seu espaço aéreo e marítimo invadido ocasionalmente pelos seus vizinhos sinos, ou Taiwan, que está em um conflito longínquo com Pequim. Um exemplo desse conflito é a disputa pelas Ilhas Senkaku, um grupo de ilhas sob controle japonês desde o século XIX que sofre

---

1 Como abuso da liberdade religiosa, prisão arbitrária e a repressão em Xinjiang.

2 A China está ranqueada entre os 13 países que têm maior índice de poluição do ar, de acordo com a Universidade de Chicago.



constantes reivindicações de soberania vindos de Taiwan e China desde 1970, quando foram descobertas reservas de petróleo no local.

Desde a pandemia da COVID-19 e a invasão russa da Ucrânia que abalaram os mercados globais, um número crescente de países de baixa renda envolvidos na Iniciativa do Cinturão e Rota têm lutado para pagar empréstimos associados à iniciativa, gerando uma onda de crises de dívida. No Paquistão, por exemplo, as importações necessárias para construir a infraestrutura do Corredor Econômico China-Paquistão (CPEC) contribuíram para um crescente déficit orçamentário, resultando em um auxílio do Fundo Monetário Internacional (FMI).

Para alguns países que assumem grandes dívidas para financiar melhorias em infraestrutura, o financiamento trazido pela BRI é visto como benéfico. Em 2020, por exemplo, a China totalizou 154 bilhões de dólares destinados a investimentos externos, sendo bem presente nos 140 países signatários do BRI (Ye, 2022). A China considera os projetos do BRI como empreendimentos comerciais, com empréstimos a uma taxa de juros de mercado que ela espera que sejam integralmente pagos.

Além disso, embora a China tenha se comprometido a parar de construir usinas a carvão no exterior em 2021, os investimentos em energia não renovável compuseram quase metade de todos os gastos do BRI. A ambiguidade persiste sobre se o compromisso se aplica a projetos em andamento ou apenas a novos projetos, e se restringe o financiamento de usinas a carvão além da construção.

Os Estados Unidos lideram o grupo de países que observam a China com extrema desconfiança. Foram gastos bilhões de dólares na construção de infraestrutura, com o intuito de reforçar sua influência diplomática e promover a cooperação de países de baixa renda. O *Build Act*, aprovado pelo então presidente dos Estados Unidos Donald Trump, consolidou a *Overseas Private Investment Corporation* (OPIC), uma agência governamental para financiamento do desenvolvimento. Mais recentemente, o atual presidente dos Estados Unidos Joe Biden e o Grupo dos Sete (G7) lançaram a *Build Back Better World Initiative* ("B3W"), um programa de investimento em infraestrutura para competir com o BRI. Embora alguns apoiadores digam que a B3W atua como complemento ao BRI, muitos reconhecem que a falta de

financiamento a impede de representar um sério desafio à iniciativa chinesa.

Tendo em vista esses fatores, é fundamental que haja mais transparência de Pequim perante o cenário internacional, para que questões como as citadas neste texto não prejudiquem a evolução de projetos internacionais a longo prazo, como a BRI. Independentemente das opiniões variadas sobre a Iniciativa do Cinturão e Rota (BRI), não se pode negar o seu grande impacto nas dinâmicas econômicas globais. À medida que a BRI atinge sua marca de dez anos em 2023, é extremamente importante avaliar sua importância e perspectivas futuras no complexo cenário geopolítico. É necessário o diálogo e cooperação entre os países, para que haja estabilidade na segurança da comunidade global. Os países e as instituições internacionais precisam garantir que a China continue a crescer, mas que isso ocorra de forma sustentável e responsável.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MCBRIDE, J. China's massive belt and road initiative. **Council on Foreign Relations**, 3 fev. 2023. Disponível em: <https://www.cfr.org/backgrounder/chinas-massive-belt-and-road-initiative>. Acesso em: Setembro de 2023.

SIMON, S. China's Belt and Road initiative is in its 10th year. Has it been a success? **NPR**, 9 set. 2023. Disponível em: <https://www.npr.org/2023/09/09/1198625708/chinas-belt-and-road-initiative-is-in-its-10th-year-has-it-been-a-success>. Acesso em Setembro de 2023.

NEWS, Embassy. 10 Years On, the Belt and Road Initiative Is Not Only Fruitful, but Also Promising. **Embassy of the People's Republic of China in Grenada**. Disponível em: [http://gd.china-embassy.gov.cn/eng/zxhd\\_1/202308/t20230826\\_11133075.htm](http://gd.china-embassy.gov.cn/eng/zxhd_1/202308/t20230826_11133075.htm). Acesso em: Setembro de 2023.

YE, Min. Ten years of the Belt and Road: Reflections and Recent Trends. **Boston University Global Development Policy (GDP) Center**, 2022. Disponível em: <https://www.bu.edu/gdp/2022/09/06/ten-years-of-the-belt-and-road-reflections-and-recent-trends/>. Acesso em: Setembro de 2023.

MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS OF THE PEOPLE 'S REPUBLIC OF CHINA (**MOFA**, sigla em português). Visions and Actions on Jointly Building Silk Road Economic Belt and 21st-Century Maritime Silk Road. Pequim, 2015.

MEDEIROS, Camila Amigo. A Belt and Road Initiative e seus impactos: uma análise sobre o potencial de reordenação dos fluxos internacionais de comércio e investimento. **Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Relações Internacionais) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)**, 2020.

BRIDI, Sônia. **LAOWAI: Histórias de uma repórter brasileira na China**. 2008. Editora Letras Brasileiras.

KISSINGER, Henry. **Sobre a China**. 2011. Editora Objetiva.

Secretário Geral da OECD e LEED. **The silver and white economy: The Chinese demographic challenge**. 2011.

SANDIKLI, Atilla. China A New Superpower? Dimensions of Power, Energy, and Security. Istanbul 2010. **BiLGESAM Publications**.

GONTCHAROVA, Anna. **China: 21st Century "Superpower"?**. 2011.

**SANTANDER TRADE**. Valores de comércio na China: Os números do comércio internacional. Disponível em: [https://santandertrade.com/pt/portal/analise-os-mercados/china/valores-do-comercio-2#:~:text=Gra%C3%A7as%20ao%20seu%20super%C3%A1vit%20comercial,\(Banco%20Mundial%2C%202023\)](https://santandertrade.com/pt/portal/analise-os-mercados/china/valores-do-comercio-2#:~:text=Gra%C3%A7as%20ao%20seu%20super%C3%A1vit%20comercial,(Banco%20Mundial%2C%202023).). Últimas atualizações em Setembro 2023. Acesso em: Setembro 2023.

WORLD BANK. Priority Reforms Key for Sustaining Growth and Achieving China's Long-Term Goals: World Bank Report. Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/news/press-release/2023/06/14/priority-reforms-key-for-sustaining-growth-and-achieving-china-s-long-term-goals-world-bank-report>. Atualização JUN 14, 2023. **China Economic Update** - June 2023. Autores: Tianshu Chen, Mark Felsenthal. Acesso em: Setembro 2023.

**WORLD BANK.** China: Overview. Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/country/china/overview>. Última atualização: Apr 20, 2023. Acesso em: Setembro 2023.

ESTADOS UNIDOS. **Departamento de Estado.** China's Disregard for Human Rights. Disponível em: <https://2017-2021.state.gov/chinas-disregard-for-human-rights/>. Publicado online de 20 de janeiro de 2017 a 20 de janeiro de 2021. Acesso em: Setembro 2023.

UNIVERSIDADE DE CHICAGO. **The Index** - 2023 AQLI (Air Quality Life Index): Potential Gain in Life Expectancy Compared to WHO Guideline. Disponível em: <https://aqli.epic.uchicago.edu/the-index/>. Acesso em: Setembro 2023.

**EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS EM TBILISI.** China's Air Pollution Harms its Citizens and the World. Disponível em: <https://ge.usembassy.gov/chinas-air-pollution-harms-its-citizens-and-the-world/>. Publicado em: November 24, 2020. Acesso em: Setembro 2023.

KHALIL, Shaimaa. 'China viola nosso espaço aéreo todo dia': a tensão no Japão em uma das áreas de maior rivalidade no mundo. **BBC**, 22 maio 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/ce7gp8j2y68o>. Acesso em: Setembro 2023.

CHEUNG, Eric. Taiwan realiza exercícios militares à medida que tensões com a China aumentam. **CNN Brasil**, 28 de julho de 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/taiwan-realiza-exercicios-militares-a-medida-que-tensoes-com-a-china-aumentam/>. Acesso em: Setembro de 2023.

Anon. Japoneses chegam a ilhas estratégicas disputadas com a China; entenda impasse. **BBC Brasil**, 19 de agosto de 2012. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias>. Acesso em: Setembro de 2023.

SEGALLA, Amauri. Saiba como a China virou o país da inovação tecnológica. **Estado de Minas**. Disponível em: <https://www.em.com.br/>. Acesso em: Setembro de 2023

RODRIGUES, Leonardo. Barbie deu lucro? Saiba se o alto investimento teve retorno nas bilheterias. **CNN Brasil**. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/economia/barbie-deu-lucro-saiba-se-o-alto-investimento-teve-retorno-nas-bilheterias/>>. Acesso em: 19 ago. 2023.

ROTHENBERG, Eva. "Oppenheimer" registra maior bilheteria de filme com tema sobre Segunda Guerra Mundial. **CNN Brasil**. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/oppenheimer-registra-maior-bilheteria-de-filme-com-tema-sobre-segunda-guerra-mundial/#:~:text=%E2%80%9COppenheimer%E2%80%9D%20registra%20maior%20bilheteria%20de,tema%20sobre%20Segunda%20Guerra%20Mundial&text=No%20mesmo%20dia%20em%20que,de%20meio%20bilh%C3%A3o%20de%20d%C3%B3lares>>. Acesso em: 19 ago. 2023.

RUIC, Gabriela. Feminismo ameaça o poder do Partido Comunista na China, diz jornalista. **Exame**. Disponível em: <<https://exame.com/mundo/feminismo-ameaca-o-poder-do-partido-comunista-na-china-diz-jornalista/>>. Acesso em: 19 ago. 2023.

"Barbenheimer" Isn't Funny in Nuclear-Scarred Japan. **The New York Times**, 2023. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2023/08/01/world/asia/japan-barbenheimer.html>>. Acesso em: 19 ago. 2023.

A code of conduct for the South China Sea | Pax et Bellum. **Pax et Bellum**. Disponível em: <<http://www.paxetbellum.org/2021/03/12/a-code-of-conduct-for-the-south-china-sea/>>. Acesso em: 29 ago. 2023.

# 3

## O ALARGAMENTO DO BRICS E A NÃO ADESÃO DA INDONÉSIA

Franciane Farias  
Marina Zenha

O BRICS é um mecanismo político composto por cinco Estados em desenvolvimento: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. Seu objetivo é cooperar em áreas estratégicas como economia, segurança e desenvolvimento, e ao contrário do Mercosul e da União Europeia, o BRICS não pode ser considerado um bloco econômico por não possuir estatuto e por ter um arranjo informal. Apesar desse formato com poucas características vinculantes, o grupo possui um grande peso no sistema internacional, tendo em vista que reúne cinco das 20 maiores economias do mundo, e que juntos, representam cerca de 31,5% do PIB mundial (banco mundial). Além disso, atualmente o grupo tem o seu próprio banco, o NBD (Novo Banco de Desenvolvimento), que foi fundado em 2014 e provê crédito para investimentos na áreas de infraestrutura e sustentabilidade.

Dada a importância do arranjo, nas últimas semanas o BRICS estampou diversas manchetes ao redor do mundo depois do encerramento da sua 15ª cúpula, que aconteceu em Johannesburgo, África do Sul. Na ocasião em questão, o grupo anunciou a aprovação da entrada de Argentina, Irã, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Egito e Etiópia. Com esse novo arranjo, o grupo detém 72% dos minerais de terras raras, 75% do manganês do mundo, e 42% do abastecimento mundial de petróleo do planeta (SANTANA, 2023).

Todavia, a adesão de novos membros, além de representar uma conquista importante para a iniciativa de cooperação, também é uma vitória para o presidente chinês Xi Jinping, que almejava a ampliação do grupo e que, segundo alguns especialistas, era motivada pelo desejo político de se fazer presente em outras áreas do globo, em especial no Oriente Médio com a entrada dos Emirados Árabes Unidos e Árabia Saudita - ambos possuem laços estreitos com os EUA, o que torna a importância de sua adesão ainda maior – e Irã, velha desavença dos Estados Unidos (VASCONCELOS, 2023).

A entrada de Emirados Árabes Unidos e Árabia Saudita também é importante para indicar uma nova faceta do multilateralismo atual, no qual os Estados se

alinham para discutir e cooperar em pautas específicas, sem necessariamente se tornarem aliados em todas as esferas. Ou seja: A ampliação foi uma conquista importante para a agenda chinesa, mas isso também não significa que os países que aderiram ao arranjo desejam deixar de cooperar com potências que são consideradas de algum nível “inimigas” da China. E essa é uma característica muito importante do arranjo, não existem normas vinculantes, além de não ser institucionalizado como um bloco econômico, o que oferece um grande nível de autonomia aos seus membros.

Com a percepção de que a adesão ao BRICS pode indicar diferentes significados, é possível refletir sobre a não adesão da Indonésia ao grupo. Olhando para indicadores econômicos, a entrada da Indonésia no grupo parecia algo bastante plausível, uma vez que a mesma também faz parte do G20 e que sua economia se encontra em desenvolvimento e com significativas taxas de crescimento. Segundo dados do Banco Mundial, a taxa de crescimento da Indonésia foi de 5,3% em 2022, maior do que a taxa de crescimento do Brasil no mesmo ano, que foi de 2,9%. Ainda, de acordo com algumas projeções do Goldman Sachs Global Investment Research, a Indonésia se tornará uma das cinco maiores economias globais no meio do século. Um paralelo importante é que assim como os membros do BRICS se mostram interessados em diminuir sua dependência do dólar, a ASEAN (Associação das Nações do Sudeste Asiático) – da qual a Indonésia é membro-fundador e sede – vem planejando aumentar sua autonomia monetária, buscando justamente reduzir a demanda pelo dólar e outras moedas estrangeiras. ASEAN é um arranjo que busca promover a cooperação econômica, política e cultural entre seus membros, e tem em comum com o BRICS, a característica de são ser altamente institucionalizada e preservar a autonomia dos Estados.

Além dos indicadores econômicos oficiais (dados fornecidos pelo banco mundial, PIB, etc), antes da cúpula de 2023, o presidente da Indonésia, Joko Widodo, projetava para o país uma taxa de crescimento ainda maior para os próximos anos, indo de encontro com a ideia de que a Indonésia é vista como uma das grandes vozes dos países em desenvolvimento, sendo considerada a terceira maior democracia do mundo (SHEKHAR, 2018), assumindo protagonismo em organizações regionais como a ASEAN, o que a torna um

membro particularmente almejado para o BRICS, em especial por parte da China.

Jokowi Widodo compareceu à cúpula do BRICS, representando também a ASEAN, e em seu discurso frisou a importância da cooperação entre os países em desenvolvimento, o espírito da conferência de Bandung e a necessidade de respeitar os direitos humanos e o direito internacional. Depois, ele mesmo esclareceu que, apesar da especulação, a Indonésia não havia submetido ainda uma carta de interesse ao BRICS pois ainda estaria calculando as consequências dessa decisão. Acredita-se que parte de seu receio seja referente à tensão entre o G7 e o BRICS – por conta do conflito entre a Rússia e a Ucrânia –, o que condiz com a sua política externa de tentar se manter fora de rivalidades protagonizadas por grandes potências (GOULART, 2021). Entretanto, o estadista reafirmou o seu interesse em continuar a manter boas relações com os países membros do mecanismo.

Portanto, ainda que aderir ou não ao BRICS não signifique necessariamente um alinhamento com um Estado ou outro, a presença de potências que se encontram em alguma esfera em conflito com países do G7, e mais especificamente, com os Estados Unidos, ainda pode gerar um receio e um olhar mais cauteloso em relação a essa decisão, principalmente quando os benefícios não são tão claros. Segundo o professor de Relações Internacionais da Universitas Jenderal Achmad, Yohanes Sulaiman, uma outra possível razão para o receio do país asiático de participar do arranjo, é que essa adesão possa dificultar a entrada do país na OCDE.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALI, Ahmadi. "BRICS expansion: A warning to the US, but not a 'new Cold War.'" Al Jazeera, 30 de agosto de 2023. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/opinions/2023/8/30/brics-expansion-a-warning-to-the-us-but-not-a-new-cold-war>. Acesso em: 20 de agosto de 2023.



BEZERRA, Valdir. “O alargamento do BRICS dá início a uma nova era, contra o imperialismo e em prol da “maioria global.” *Pressenza International Press Agency*, 25 de agosto de 2023. Disponível em: <https://www.pressenza.com/pt-pt/2023/08/o-alargamento-do-brics-da-inicio-a-uma-nova-era-contra-o-imperialismo-e-em-prol-da-maioria-global/>. Acesso em: 21 de agosto de 2023.

CALEIRO, João. “Indonésia terá PIB maior que Brasil e Japão em 2050, diz EIU”. *Exame*, 25 de junho de 2015. Disponível em: <https://exame.com/economia/indonesia-tera-pib-maior-que-brasil-e-japao-em-2050-diz-eiu/amp/>. Acesso em 20 de setembro de 2023.

ELIAS, Juliana. “Em 50 anos, Paquistão e Egito podem passar Brasil como maiores economias do mundo, diz Goldman Sachs”. *CNN Brasil*, 16 de agosto de 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/em-50-anos-paquistao-e-egito-podem-passar-brasil-como-maiores-economias-do-mundo-diz-goldman-sachs/#:~:text=Por%20que%20Indonésia%2C%20Paquistão%20ou%20Egito%20vão%20passar%20o%20Brasil&text=Nenhuma%20delas%2C%20incluindo%20a%20Indonésia,até%202075%2C%20no%20top%205>. Acesso em 22 de setembro de 2023.

GOULART, Maitê. “A Política Externa da Indonésia no Século XXI: A Balança de Poder Do Indo-Pacífico em perspectiva.” *UFRGS*, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/231567/001133132.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 22 set. 2023.

LLEWELLYN, Aisyah. “Indonesia’s absence from bigger BRICS echoes decades of non-aligned policy”. *Al Jazeera*, 28 de agosto de 2023. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/economy/2023/8/28/indonesias-absence-from-bigger-brics-echoesdecadesof-non-alignedpolicy>. Acesso em 20 de setembro de 2023.

PRAZERES, L. “Brics: quais países despontam como favoritos para entrar no bloco?” *BBC Brasil*, 22 de agosto de 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c72ewlwxxggl0>. Acesso em: 22 set. 2023.

RACHMAN, Ayu. "Jokowi is right not to join 'BRICS' for now - but the alliance is still important for Indonesia". The Conversation, 31 de agosto de 2023. Disponível em <https://theconversation.com/jokowi-is-right-not-to-join-brics-for-now-but-the-alliance-is-still-important-for-indonesia-212258>. Acesso em 20 de setembro de 2023.

Redação Poder360. "Entenda o funcionamento do NDB, o Banco do Brics." 9 de julho de 2023. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/internacional/entenda-o-funcionamento-do-ndb-o-banco-do-brics/>. Acesso em: 20 de setembro de 2023.

Redação Prensa Latina. "Indonésia deve considerar a possibilidade de se inscrever no BRICS". 25 de agosto de 2023. Disponível em: <https://www.prensalatina.com.br/2023/08/25/indonesia-deve-considerar-a-possibilidade-de-se-inscrever-no-brics/>. Acesso em 21 de setembro de 2023.

Redação Agência O Globo. "BRICS deve anunciar entrada de Arábia Saudita, Argentina, Egito, Emirados Árabes, Indonésia e Irã". Exame, 23 de agosto de 2023. Disponível em: <https://exame.com/brasil/brics-deve-anunciar-entrada-de-arabia-saudita-argentina-egito-emirados-arabes-indonesia-e-ira/amp/>. Acesso em 20 de setembro de 2023.

SANTANA, Irapuã. "Uma chance no BRICS." Jornal O globo, Rio de Janeiro, 15 de setembro de 2023.

VASCONCELOS, Renato. "Agenda cheia: O bloco anti-ocidente reforça laços enquanto EUA tentam conter China." Jornal O Globo, Rio de Janeiro, 15 de setembro de 2023.



## A POSSÍVEL ALIANÇA ENTRE RÚSSIA, CHINA E COREIA DO NORTE E SEUS DESDOBRAMENTOS

Luiza Simões Bethlem Monteiro

Samia Abinader Franco

As relações entre Coreia do Norte, China e Rússia alerta os países da Ásia Pacífico devido, principalmente, a seus arsenais militares de alta potência. De acordo com o serviço de inteligência da ROK, os três Estados estariam planejando a realização de exercícios navais em conjunto, semelhantes aos realizados por Estados Unidos, Coreia do Sul e Japão. Embora não haja confirmação de que esse foi de fato parte do conteúdo discutido no encontro entre Sergei Shoigu, ministro da Defesa russo, e o líder norte-coreano Kim Jong-Un, tais ações representariam o estreitamento de seus laços, deixando os países asiáticos em alerta, pois caso juntem seus armamentos podem ocasionar um conflito de grande escala. Além disso, configurara-se uma ameaça direta à Coreia do Sul, dadas as tensões com a sua vizinha altamente nuclearizada, a DPRK (*Democratic People 's Republic of Korea*). Assim, esse possível exercício naval afeta diretamente os países da região que, portanto, tendem a ser os primeiros a tentarem evitar que essa aliança militar seja formada.

Nesse sentido, fortalecendo os argumentos sul-coreanos, no dia 13 de setembro, Vladimir Putin e Kim Jong-Un tiveram um encontro após 3 anos desde a última saída do norte-coreano de seu país. Essa reunião alertou também o Japão, os Estados Unidos e o Ocidente devido à probabilidade de acordos militares e comerciais. As discussões entre os presidentes foram mantidas em sigilo, porém, há suspeitas acerca dos principais acordos entre eles. Primeiramente, os asiáticos acreditam na possibilidade de um acordo de armas para reforçar a invasão da Ucrânia por Putin. Em segundo lugar, devido às sanções econômicas feitas pelos Estados Unidos à Coreia do Norte, a Rússia poderia se dispor a fornecer desde energia até alimentos e tecnologia militar. Em contrapartida, apesar de a China não estar presente nesse encontro, ela é a principal parceira diplomática dos russos, além de ser um importante aliado comercial norte-coreano. Os representantes chineses afirmam que não fazem parte do possível acordo de armas que alimentará o conflito entre Ucrânia e Rússia, mas em termos geopolíticos seria uma desvantagem para a China caso os russos percam o conflito. Dessa forma, essa reunião reforça as suspeitas sobre a chance do exercício naval conjunto entre os Estados.

Sob essa ótica, apesar de o Ministério dos Negócios Estrangeiros da China afirmar que não há qualquer relação do país com a reunião ocorrida entre os dois chefes de Estado, uma aproximação mais profunda entre Rússia e Coreia do Norte pode apresentar vantagens importantes para a China, especialmente ao considerar-se as abordagens incisivas e mais presentes dos Estados Unidos na Ásia-Pacífico durante esse ano.

Tais iniciativas incluem o fechamento de um acordo com 13 países da região para expandir a cooperação em cadeias de produção, e até mesmo o levantamento de discussões acerca da possibilidade de abertura de um escritório da OTAN no Japão. Dessa forma, torna-se necessário para a potência chinesa encontrar formas de reforçar sua posição e manter o equilíbrio de poder a seu favor, o que pode ser favorecido por essa possível aliança, a qual se fosse concretizada poderia representar uma ameaça aos interesses norte-americanos na região, além de reduzir o isolamento chinês decorrente do seu apoio a ambos os países. Entretanto, os dilemas de ação coletiva se mostram como importantes elementos para a compreensão de que essa ameaça pode não ser tão forte quanto parece, dadas as restrições impostas por acordos internacionais, bem como por mecanismos de cooperação internacional, que limitam a atuação dos atores.

Ademais, foi noticiado que o embaixador russo na Coreia do Norte, Alexander Matsegora, afirmou a uma agência de notícias que não tinha conhecimento de nenhum plano para a Coreia do Norte participar de exercícios militares trilaterais com a China e Rússia, mas que, seria “apropriado” à luz dos exercícios liderados pelos Estados Unidos na região. Tal colocação por parte de um representante de Estado reforça a existência de tensões com alcance global cada vez mais fortalecidas, embasando as preocupações sul-coreanas acerca dos possíveis exercícios militares, pois em tal conjuntura, esses se colocariam como claros movimentos de oposição entre os Estados Unidos, com seus países amigos na região e a possível aliança. Entretanto, apesar das conjecturas e possibilidades levantadas no Sistema Internacional, e a recente defesa de laços militares mais estreitos por parte da Rússia e da Coreia do Norte. O segundo negou ter qualquer “negociação de armas” com os russos.

Conclui-se, portanto, que com esse sigiloso e polêmico encontro realizado

entre representantes de Estado da Rússia e Coreia do Norte aumenta a possibilidade de uma aproximação maior entre os países gerando especulações acerca de um exercício naval. Ademais, por a China ser uma grande potência importante na região da Ásia-Pacífico, além de aliada desses dois estados, a possibilidade de uma nova aliança é pertinente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BBC News Brasil. “Guerra na Ucrânia: o que possível encontro entre Putin e Kim Jong-un tem a ver com o conflito?”. BBC News Brasil, 05 de setembro de 2023. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/ce4v0vej83go>>. Acesso em: 20 set. 2023.

MCCARTHY, S. “Análise: Ocidente teme uma aproximação entre Rússia e Coreia do Norte; China não”. CNN Brasil, 15 de Setembro de 2023. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/analise-ocidente-teme-uma-aproximacao-entre-russia-e-coreia-do-norte-mas-a-china-nao/>>. Acesso em: 20 set. 2023.

TONG-HYUNG, K.. “Seoul’s spy agency says Russia has likely proposed North Korea to join three-way drills with China”. ABC News, 4 de setembro de 2023. Disponível em: <<https://abcnews.go.com/International/wireStory/seouls-spy-agency-russia-proposed-north-korea-join-102904488>>. Acesso em: 20 set. 2023.

FOX NEWS. “Russia likely proposed North Korea participate in 3-way naval exercises with China, according to South Korea”. Fox News, 4 de setembro de 2023. Disponível em: <<https://www.foxnews.com/world/russia-likely-proposed-north-korea-participate-3-way-naval-exercises-china-according-south-korea>>. Acesso em: 20 set. 2023.

REVISTA EXAME. “EUA faz acordo com 13 países da Ásia/Pacífico para cooperar em cadeias de produção”. Revista Exame, 27 de maio de 2023. Disponível em: <<https://exame.com/mundo/eua-faz-acordo-com-13-paises-da-asia-pacifico-para-cooperar-em-cadeias-de-producao/>>. Acesso em: 20 set. 2023.

MCCARTHY, S. LENDON, B. “Análise: Com a maior Marinha do mundo, China busca expansão”. CNN News Brasil, 3 de setembro de 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/analise-china-quer-expandir-agora-que-tem-a-maior-marinha-do-mundo/>. Acesso em: 20 set. 2023.



LIGA DE ESTUDOS  
ÁSIA-PACÍFICO



Instituto  
de Relações  
Internacionais



PUC  
RIO

